

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GEOGRAFIA EM CENTROS COMUNITÁRIOS - ENSINO INFORMAL

*Maíra Suertegaray Rossato, Alessandra Fachinello,
Cláudia Russo Da Silva, Joise Juskoski Da Silva,
Dirce Maria Antunes Suertegaray*

Boletim Gaúcho de Geografia, 26: 53-58, jul., 2000.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39631/26518>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2000

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GEOGRAFIA EM CENTROS COMUNITÁRIOS – ENSINO INFORMAL¹

Maíra Suertegaray Rossato^{}; Alessandra Fachinello^{**}; Cláudia Russo da Silva^{***}; Joise Juskoski da Silva^{****}; Dirce Maria Antunes Suertegaray^{*****}*

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa resgatar uma atividade que foi desenvolvida pelo grupo PET-Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com crianças de 1º e 2º ciclos do Instituto de Assistência e Proteção à Infância, no bairro Partenon em Porto Alegre em 1998. Tratou-se de uma prática de ensino informal desenvolvida com as crianças do centro comunitário em atividades extra-classe, todas elas com perfil sócio-econômico de baixa renda. São filhos de pais trabalhadores que necessitam, para cumprir sua jornada de oito horas de trabalho diárias, deixar seus filhos aos cuidados de instrutores quase sempre sem qualificação pedagógica para o desempenho de suas tarefas. O objetivo da atividade era vivenciar novas experiências no ensino fundamental, a partir das temáticas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a Geografia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem a mais recente proposta de ensino formulada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) para ser desenvolvida no ensino fundamental e médio. O referido documento é motivo de significativas discussões, sejam elas relativas aos procedimentos de elaboração, sejam em relação ao conteúdo proposto. Neste artigo não é objetivo retomar esta discussão já bastante difundida. O objetivo é apresentar uma experiência de ensino, cujos temas foram extraídos de tal documento. Ao utilizá-lo, nossa intenção foi explorar vivencialmente as temáticas sugeridas, tomadas como sugestão passível de ser utilizada pelos professores, se assim o desejarem.

A experiência desenvolveu-se em dois ciclos do ensino fundamental (1º e 2º). Para o ensino no 1º ciclo (1ª e 2ª séries) foram selecionados os temas: natureza, natureza transformada, trabalho, conservação da natureza, lugar e paisagem. Para o ensino no 2º ciclo (3ª e 4ª séries) os temas escolhidos foram: modos de vida urbano e rural, distâncias, velocidades e tecnologia.

Os temas escolhidos pelos bolsistas foram programados para serem desenvol-

vidos em oito aulas, ministradas durante duas semanas, sendo cada aula orientada por três bolsistas. Os temas selecionados dizem respeito à Geografia do lugar. Buscou-se ao planejar as aulas, inovar o método de ensino, através do lúdico, conduzindo as crianças à construção de conceitos.

A EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS NO 1º CICLO

No 1º ciclo foram abordados os conteúdos referentes à natureza, natureza transformada, trabalho, conservação da natureza, paisagem (transformação da paisagem).

As atividades desenvolvidas com o grupo de crianças do 1º ciclo (uma turma com vinte alunos) ocorreram em dois encontros de quatro horas/aula e centrou-se na compreensão dos seguintes conceitos:

1. Natureza e Natureza Transformada

As temáticas da natureza e natureza transformada foram abordadas através da percepção visual por meio de painéis e de trabalhos manuais com argila. Os painéis permitiram compreender a natureza como conjunto de seres bióticos (vivos) e abióticos (não vivos). A manipulação da argila possibilitou às crianças perceberem o papel do trabalho humano na transformação da natureza.

Para uma melhor compreensão desta atividade, é importante relatar com mais detalhe esta experiência. Num primeiro momento, tomou-se como referência para a discussão, um painel previamente elaborado que apresentava um conjunto de imagens expressando os elementos constituintes da natureza. A partir de um questionamento sobre o observado, as crianças concluíram sobre *O que era natureza?* Num segundo momento, a temática central era natureza transformada. Para tanto foi escolhida uma atividade com argila, em que cada criança recebeu uma parcela/porção de argila. Após a discussão sobre o material recebido, dando ênfase em sua origem e sua identificação como um elemento da natureza, foi solicitado para cada criança que modelasse com a argila um objeto de seu gosto. Feito isso, os objetos foram expostos aos colegas e encaminhou-se uma discussão na qual as crianças puderam refletir sobre o que produziram, perguntando-se se *o objeto seria natureza ou natureza transformada? Quem o transformou?* Desta reflexão, resultou a compreensão sobre o trabalho humano como ação fundamental de transformação da natureza.

2. Conservação da Natureza

A conservação da natureza foi tratada através da montagem de paisagens sobre maquetes, a fim de resgatar a importância de práticas como a separação do lixo, cuidados com o patrimônio público e a poluição de mananciais hídricos, entre outros.

Para vivenciar este conceito o trabalho com as crianças foi desenvolvido a

partir de uma maquete previamente elaborada pelos professores. As atividades solicitadas foram no sentido de modificar a paisagem representada na maquete, introduzindo elementos construídos pelas crianças, que permitissem uma melhor conservação da natureza daquele lugar. A maquete elaborada constituiu-se de um parque, no qual, inicialmente, pensou-se sua importância e sua necessidade de conservação. Após a discussão, cada grupo de crianças idealizou formas de melhoria da qualidade ambiental do parque, como arborização, instrumentos de coleta de lixo, escolha de equipamentos de recreação e locais mais adequados para a sua implantação. O produto final foi a construção de um parque pelo grupo de crianças, em que pôde-se observar o que para elas era mais significativo em termos de conservação.

3. Lugar e Paisagem

Lugar, compreendido como espaço de convivência e paisagem, enquanto expressão das modificações da natureza pelo homem, foram trabalhados com a apresentação de painéis que mostravam a evolução da paisagem de um mesmo local em diferentes momentos. As crianças, após visualização dos painéis e posterior tarefa de elaborar desenhos daquilo que compreenderam dos cartazes, chegaram, com auxílio dos professores, à construção dos conceitos de lugar e paisagem e ao entendimento de que num mesmo lugar pode haver diferentes paisagens. A apresentação dos processos de modificação do lugar e a construção de uma paisagem resultante foram feitas utilizando recursos como: revistas, tesouras, colas e painéis com paisagens de um mesmo local previamente desenhadas pelos professores. As crianças, através da manipulação de recortes de revistas, complementaram a paisagem da forma como julgaram correta. Estas paisagens resultantes foram discutidas em grande grupo, apontando semelhanças e diferenças, quando foram relacionadas com os conceitos de lugar e paisagem e com os processos de transformação da natureza.

A EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DO 2º CICLO

No 2º ciclo, os temas selecionados foram modos de vida urbano e rural, distâncias e velocidades no mundo urbano e rural e tecnologia nos diferentes modos de vida e nas comunicações. Da mesma forma que no 1º ciclo, as aulas se desenvolveram com um grupo de vinte crianças, através de quatro encontros.

1. Modos de vida urbano e rural e distâncias e velocidades nesses meios

A construção desta prática centrou-se, inicialmente, num levantamento junto às crianças do seu conhecimento sobre os dois modos de vida sugeridos. A aula desenvolveu-se, em primeiro plano, por meio de uma questão: *O que vocês conhecem, sabem a respeito de zona rural (campo, espaço onde se desenvolve a atividade agrícola) e zona urbana (cidade, espaço de concentração de pessoas e*

atividades diversas)? A partir desta discussão, os dados foram sistematizados utilizando-se o quadro-negro como suporte. Num segundo momento, as crianças foram separadas em grupo e suas tarefas foram efetuar recortes de revistas que continham paisagens rurais e urbanas. Feitos os recortes e classificadas as paisagens, foi solicitado a observação e o comentário dos alunos sobre os diferentes modos de vida (maneira como cada família planeja e pratica as atividades do seu dia-a-dia) nos ambientes e assim listar profissões, condições de moradia e hábitos na zona urbana e rural. Esta atividade permitiu perceber o grau de conhecimento destas crianças em relação aos dois meios apresentados. Observou-se, tanto exemplos extraídos de seu cotidiano, como de suas experiências de vida e influências da mídia.

No que se refere às distâncias e velocidades nos mundos urbano e rural, buscou-se construir esses conceitos, partindo de exemplos do cotidiano dos alunos, como o deslocamento para a escola, mesma distância em diferentes meios de transporte. Esta prática partiu da atividade anterior, elaborada com as gravuras por eles recortadas, sendo associadas a exemplos do cotidiano. As aulas estavam balizadas pelo conceito de distância enquanto espaço compreendido entre dois pontos (ex: Escola até a av. Bento Gonçalves) e velocidade como relação distância/tempo/meio (ex: distâncias similares e meios de transporte diferentes).

2. Tecnologia nos diferentes modos de vida e nas comunicações

O entendimento de tecnologia como organização dos estudos científicos e aplicação dos conhecimentos em desenvolvimento de equipamentos, produtos e objetos para facilitar o trabalho, a produção e proporcionar o conforto ao homem, foi possível através de confecção de cartazes que buscavam identificar os diferentes níveis tecnológicos pelas crianças. Na continuidade, para perceber as tecnologias em diferentes modos de vida e nas comunicações, utilizou-se o recurso teatral. A aula desenvolveu-se sobre quatro dramatizações realizadas pelos ministrantes; são elas: uma mímica para mostrar duas maneiras de lavar roupa (uso da máquina de lavar e uso do tanque); uma mímica para mostrar duas maneiras de estudar (o computador e o caderno); dramatização mostrando como a informação, ou seja, a notícia de jornal está presente em lugares diferentes e distantes, aproximadamente ao mesmo tempo e em lugares com modo de vida e transportes distintos. Por último é feita uma representação para mostrar modos de vida, tecnologia e industrialização de alimentos. Esta indicava simultaneamente dois homens adquirindo leite: um no estábulo, outro no supermercado. Após cada mímica era feita a discussão da cena assistida com as crianças, na qual explorou-se também questões relativas à possibilidade de adquirir novas tecnologias pelas pessoas, ou seja, a diferença de acesso a elas.

Um bingo comparando tecnologias novas e antigas e jogos de palavras cruzadas fizeram parte do fechamento destas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta vivência enquanto grupo de trabalho, traçou-se as seguintes considerações:

- De maneira geral, as crianças acataram os procedimentos adotados, envolveram-se nas atividades, mostraram-se interessadas, com vontade de esclarecer suas dúvidas e fornecer seus conhecimentos para contribuir para a construção de conceitos.
- Considera-se que a assimilação dos conceitos foi relativamente boa, lembrando o tempo da experiência.
- Observou-se um certo estranhamento por parte das crianças pelas inovações propostas no ensino. Estas sendo próximas ao lúdico, levou as crianças a indagarem: *Mas isso é brincadeira? Mas isso é brincadeira?* A dinâmica lúdica, no entanto, indicou maior envolvimento das crianças, maior empenho na realização das tarefas e convívio mais harmonioso em sala de aula.
- Registra-se, porém, o pouco espírito de coletividade entre os alunos, característica essa que, em parte foi superada pela perspectiva adotada nesta prática da construção de conceitos a partir da vivência e do lúdico.

A experiência permitiu uma visão diferenciada do ensino para os alunos; as crianças concluíram que “aprendiam brincando”. Os alunos petianos observaram que as atividades serviram para atingir os objetivos: um ensino de Geografia mais reflexivo na medida em que conduziu as crianças à construção de conceitos. Observa-se que, pelo tempo restrito da experiência, nem todas as crianças envolvidas tiveram apreensão da totalidade dos conceitos. Isto suscita uma discussão sobre os diferentes ritmos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental – MEC, 1997.
- CASTROGIOVANNI, A. C. A Teoria construtivista..O construir a Geografia. In: AGB. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre: AGB, 1973.
- FLICKINGER, H. G. e NEUSER, W. *Teoria de Auto Organização: as raízes da interpretação construtivista do conhecimento*. Coleção Filosofia, 10 16. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- MORAIS, R. (org.). *Sala de Aula: que espaço é esse?* 2ª edição. Campinas: Papirus, 1986.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- REYNAUD, A. et al. *O Espaço Interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.

*Acadêmica no curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

e bolsista do Programa Especial de Treinamento – PET- Geografia (CAPES). **Endereço:** R. Santo Antônio 733/103, Bairro Bonfim, Porto Alegre, RS. CEP: 90220-011. Telefone: 3113695.

** Acadêmica no curso de Geografia da UFRGS e bolsista do Programa Especial de Treinamento – PET- Geografia (CAPES). **Endereço:** R. Augusto Severo 495, Bairro Fátima, Canoas, RS. CEP: 92110-390. Telefone: 4724548

*** Acadêmica no Curso de Geografia da UFRGS e bolsista do Programa Especial de Treinamento – PET- Geografia (CAPES). **Endereço:** Av. Sargento Manoel Raimundo Soares 763, Bairro Jardim Carvalho, Porto Alegre, RS. CEP: 91430-380. Telefone: 3382950

**** Acadêmica no curso de Geografia da UFRGS e bolsista do Programa Especial de Treinamento – PET- Geografia (CAPES). **Endereço:** R. Nelson Paim Terra 717, Bairro Rio Branco, Canoas, RS. CEP: 92200-040. Telefone: 4762094

***** Professora do Departamento de Geografia, IG/UFRGS e tutora do Programa Especial de Treinamento – PET- Geografia (CAPES). **Endereço:** Av. Bento Gonçalves 9500, Bairro Agronomia, Campus do Vale/UFRGS, Porto Alegre, RS. CEP: 91540-000. Telefone 3166334.

¹ Participaram desta atividade, além dos autores deste texto, os seguintes petianos: Benhur da Costa, Viviane Dutra, Gabino Moraes, Rejane Gheno, Eduardo Pinheiro, Fernanda Alvarenga, Heitor Serpa, Maurício Meurer e Sandro da Costa